

Caminhando

Ser, ter, eis a questão.

O que faz um filho do tempo ante as singularidades e abrangência do amor, por um lado, se são esses atributos que nos aliciam a alma para uma caminhada até a próxima sombra, e de outro, o conforto resignado de um torpor alegremente igual e seguro de que nada lhe afetará em seu ninho, em seu mundo?

Viver, cantar e sonhar somente? Ou viver, amar e sofrer de repente?

Não é próprio do filho da lua abrir mão de sua mística e escrachar-se abertamente como quem abre o peito e deixa ver o coração. Antes rompe com os seus segredos e sofre o não ir para não cair na correnteza da felicidade que traz no bojo os tributos da contrapartida.

Mas vagam os filhos da lua como quem navega na rua nua a procura do que não quer encontrar.

Viver, sonhar e, quem sabe, amar.

Em nuances cálidas ao som de um concerto de violinos, voa, pontificando o belo como um albatroz feliz com o som, o tudo, o nada, o ser e voar. Habita no mais íntimo do seu ser a intriga do deixar-se, o medo do sentir, do sentir-se e agora como um cão vadio volta para a vida vivida e sabe que sendo história não apresenta surpresas e pode ser bebida sem receio e espasma-se.

- Ó fruto do bem que singra os ares por tão perto, chega..., chega ainda mais, experimente esse filho da rua que a luz encontrou. Aproxime-se, assas do ir, e carregue para a via escarlata e bela esse ente desgarrado. E depois, sombra da lua, proteja esse nativo da escuridão da dúvida e dê-lhe o caminho harmônico e inconfundível da música. Ele viajará na janela para

A V L
Academia Volta-redondense de Letras

encantar o seu segredo num crescendo levar-se de um sonho que nunca chegou a existir, mas passa a se realizar na medida em que é possível conferir a sua verdade.

- Ó gênio da controvérsia, recolha-se à travessa miúda da temperança e exorcize a sua vocação de lutador. Não exaspere o templo da magnanimidade que flui à tua frente como um altar. Rebusque as águas que correm e deixe nelas a poção insidiosa da desesperança. E quando um filho da lua se aproximar crepitando nas algemas de suas vontades, afague-o com carinho e não interceda em sua caminhada. Ele acredita em seus passos e trejeitos para domar os obstáculos que surgem aqui e ali no universo desse andarilho de si, o eterno acompanhante, para romper mais e mais estradas, levado por uma confortável vontade de que basta vencer o tempo, seja qual for o caminho.

“Caminhando” - Vicente Melo – Crônica (1984)